



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12856 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

MOVIMENTOS DECOLONIAIS NUMA PESQUISA COM CRIANÇAS: TECENDO POSSIBILIDADES

Leticia Roberta Gomes Martins da Silva - UFF - Universidade Federal Fluminense

Maria Teresa Esteban - UFF - Universidade Federal Fluminense

MOVIMENTOS DECOLONIAIS NUMA PESQUISA COM CRIANÇAS: TECENDO POSSIBILIDADES

Resumo: O artigo trata de uma pesquisa com crianças no cotidiano escolar, mobilizada pelo questionamento da professora da turma a respeito da participação infantil nas esferas pedagógica e de investigação. O foco dessa pesquisa com o cotidiano é a inserção, na sala de aula, da sistematização de experiências com as crianças, articulada a movimentos de ruptura com a pedagogia hegemônica e com a noção de infância como carência. O trabalho se referencia nos pensamentos de Freire, de Freinet e decolonial, além da educação popular e da sociologia e filosofia da infância. Os resultados expressam a pertinência da sistematização da experiência para o giro epistemológico pretendido, sua contribuição para efetivar a participação infantil no ato pedagógico, a docência como produtora de conhecimentos em colaboração com crianças em pesquisa e a legitimidade da escola como lócus de enunciação.

Palavras-chave: Sistematização de Experiências, Participação Infantil, Diálogo, Cotidiano Escolar

Introdução

A pesquisa em educação é sempre um desafio repleto de inquietudes e beleza. Especialmente quando processo tecido por variados encontros: entre pessoas, conhecimentos, desconhecimentos, espaços, tempos, contextos, desejos, percursos, silêncios, atos.... e tanto

mais que poderíamos trazer para dar início a um texto que pretende convidar à reflexão sobre a pesquisa com crianças.

Falamos de uma pesquisa entretecida ao tempo de escolarização, nos processos dialógicos constitutivos do fazer pedagógico cotidiano (FERRAÇO, 2003; GARCIA, 2003). Partimos de formulações já consolidadas: a) a afirmação de que as ações escolares só podem ser significativas e democráticas quando há participação efetiva das crianças em sua realização; b) os movimentos relevantes de organização de pesquisas com crianças. Nessa confluência nos posicionamos para estudar a pesquisa com crianças no cotidiano da sala de aula, a partir da experiência de uma das autoras deste trabalho, professora pesquisadora com atuação nos anos iniciais do ensino fundamental numa escola pública municipal.

Na sala de aula, seu encontro com as crianças é vivido como semente de um processo pedagógico dialógico, no qual a criança é a substância do ato educativo, não um mero elemento instrumental (SARMENTO, 2005). Nesse movimento de fazer e aprender a fazer da aula um espaço dialógico, as crianças são mobilizadas a expressar os seus saberes e a professora percebe que a presença infantil na escola, como em outros espaços sociais, não garante sua participação quando não há deliberação das crianças sobre questões que as afetam diretamente. Nesse processo de *ação-reflexão-ação*, a professora formula a participação infantil, como processo político, na vida escolar como uma questão pedagógica e de pesquisa, integrada ao movimento de ruptura com a educação adultocêntrica e antidialógica.

Tal rompimento encontra seus princípios na convocação freireana à educação como prática de liberdade (FREIRE, 2006), em sua proposta de superação da pedagogia hegemônica, historicamente constituída, em convergência com a proposição moderno-colonial de escola, para integrar as crianças ao modelo de sociedade vigente. A transformação pretendida dialoga com a perspectiva decolonial (MIGNOLO, 2003), pela reconfiguração epistemológica proposta à reflexão sobre os processos de subalternização, e com o trabalho de Freinet (1998, 2001), por seu compromisso com uma escola do povo e proposição de renovação pedagógica a partir da intuição e do bom senso de confiar nas crianças. Esse movimento exige a reconfiguração da concepção hegemônica de infância, caracterizada, conforme denuncia Sarmento (2005), por ausências e negações - da fala, da razão e do trabalho - que definem um lugar social subalterno para a criança.

Na pesquisa em discussão, as crianças são assumidas como sujeitos sociais, políticos e culturais. Com essa compreensão, que impacta a concepção do ato pedagógico, focalizamos delineamentos epistemológicos e percursos metodológicos que permitem incorporar as crianças, como sujeitos, aos processos pedagógicos de que fazem parte, incluindo a pesquisa. Na sala de aula, a professora vem elaborando a sistematização de experiências (BICKEL, 2006; JARA 2006) como método: no trabalho pedagógico e na condução da pesquisa com crianças. Essa escolha resulta da possibilidade de integrá-la ao cotidiano escolar e de sua convergência com os princípios orientadores da ação docente.

Metodologia

Com abordagem qualitativa, a pesquisa se referencia nos estudos com o cotidiano, especificamente, com o cotidiano escolar, no qual estamos mergulhadas. Ferraco (2003), ao refletir sobre esses estudos, ressalta seu enredamento aos fazeres dos sujeitos e a necessidade de reconhecimento, na pesquisa, da autoria de quem vive esse cotidiano. Nessa perspectiva, a formulação e o desenvolvimento de pesquisa decorrem da aproximação com a prática, tendo como intenção contribuir com a solução “dos problemas da vida”, numa relação sujeito-sujeito, articulada pelo movimento *prácticateoriaprática* (GARCIA, 2003).

Sendo esta uma pesquisa na escola pública em contexto periférico, requer uma abordagem epistemológica exterior à matriz eurocêntrica, com outro delineamento epistemológico e metodológico que sustente o projeto de educação libertadora. A educação popular, como um paradigma latino-americano para a educação (MEJÍA, 2020), é a referência para superar a concepção bancária de educação (FREIRE, 2006). Os estudos decoloniais complementam a compreensão dos processos de subalternização do povo, sublinhando os efeitos da experiência colonial latino-americana, que se mantém pela colonialidade (MIGNOLO, 2003).

As relações de poder que a constituem produzem, entre outras, dependência epistêmica, demarcada pelo eurocentrismo. A circunscrição de uma conceituação do conhecimento a um espaço geopolítico, sem considerar conhecimentos originados em outros espaços geopolíticos, se traduz em subalternização. O pensamento decolonial indica movimentos de ruptura quando forja um espaço epistêmico a partir da diferença colonial, que faz o Sul emergir como lócus de enunciação, com modos de pensar e conhecimentos relacionados às diferenças coloniais.

A pesquisa com o cotidiano e a sistematização de experiências (BICKEL, 2006; JARA, 2006) se constituem no Sul como espaço epistêmico, em relação intensa com a história, os saberes e os problemas da escola pública popular e com projetos relevantes para sujeitos subalternizados. A adequação da sistematização de experiências aos propósitos da pesquisa com crianças se manifesta pela demanda de participação dos sujeitos em todas as etapas de investigação, pelo fomento à reflexão em torno de uma prática realizada ou vivida e pela aprendizagem advinda do processo. Algo que se insere na proposição de conhecer a realidade, refletir e aprender com ela para transformá-la.

O diálogo com a experiência se viabiliza pelo acompanhamento minucioso do trabalho. Os registros docentes, envolvendo materiais diversos produzidos por crianças e professora, compõem vasto acervo que permite realizar a pesquisa com crianças e estudá-la. Nesse sentido, a presente pesquisa se desenvolve com a produção de experiências pedagógicas participativas a partir da Pedagogia Freinet, com os registros gerados nas experiências e a transformação desses registros em fontes de informação. Posteriormente foram introduzidos procedimentos iniciais específicos para envolver as crianças também na sistematização dessa experiência: rodas de conversas avaliativas sobre o processo vivido, organização coletiva das fontes de informação, histórias das experiências narradas coletivamente. Transversalmente, vêm ocorrendo movimentos pertinentes para refletirmos sobre a sistematização de experiências com crianças, como sujeitos que atuam no mundo com as suas diferentes aprendizagens.

Resultados parciais e discussões

A problematização (FREIRE, 1985) das categorias totalizantes, engendradas pelo arcabouço teórico de natureza positivista, traz à reflexão a infância como categoria social e o delineamento das crianças como sujeitos políticos com deveres e direitos (SARMENTO, 2005), em interação com a substituição do tempo cronológico pela intensidade de viver as possibilidades que as infâncias provocam, com a proposição do devir-criança: mudança, aventura, existência (KOHAN, 2015).

Esses deslocamentos elucidam os múltiplos contextos que tecem as infâncias como formas plurais de existir, com incidência sobre a percepção das crianças como integrantes da sociedade, com possibilidade de atuação e ressignificação dos contextos em que se inserem, operando transformações na cultura ao interpretá-la e ressignificá-la de modos distintos dos modos adultos (SARMENTO, 2005). Tal redefinição conceitual se conecta à crítica à escola

como lugar de inculcação da cultura, de padronização dos sujeitos e de preparação para a inserção no mundo do trabalho (FREIRE, 2006; FREINET, 1998) e impacta a formulação de seu projeto político-pedagógico.

Em articulação com as práticas, esses estudos assentam a reflexão crítica sobre a presença das crianças na organização do trabalho pedagógico e lançam fios conceituais entrelaçados a sua recomposição pela participação infantil. Perspectiva afinada com a Pedagogia Freinet, centrada no trabalho, na cooperação, na autonomia e na livre expressão, para construir com as crianças uma educação antiautoritária, participativa e democrática, tecendo em sua experiência escolar a capacidade de autoavaliação e auto-organização, colaborando assim na formação de cidadãos/ãos conscientes e atuantes em suas comunidades em prol do bem comum.

A professora abraça esses princípios para fomentar a participação infantil, proposta recebida com alegria pelas crianças. Contudo, a educação popular exige o aprofundamento da ruptura com a episteme eurocêntrica. Como prática libertadora, dialoga com a tradição crítica inscrita nessa epistemologia, a problematiza e aborda o conhecimento no espaço epistêmico configurado com a diferença colonial, em relação com problemas enunciados a partir da escola pública brasileira e seus sujeitos periféricos.

A sistematização da experiência se mostra relevante ao giro epistemológico pretendido. Produz-se no processo de crítica à colonialidade e se enlaça ao reconhecimento das especificidades dos contextos subalternizados e à formulação de um projeto de sociedade que lhes seja favorável. Ancora-se na prática cotidiana, recupera e reflete sobre a ação profissional, assumida como fonte de conhecimento. Originados na prática, os conhecimentos voltam-se ao estímulo dos movimentos de transformação (JARA, 2006).

No caso em estudo, a inserção da sistematização da experiência no trabalho pedagógico ressignifica o processo participativo. Vincular a participação à transformação, semeia novas potências e anima o processo de tecelagem da educação libertadora na escola pública, inclusive pela recomposição da professora como sujeito que produz conhecimentos, tendo as crianças como parceiras e, recomposição do infantil como uma experiência (KOHAN, 2015).

O movimento de abertura do pedagógico ao diálogo com outras epistemes, em associação à compreensão do cotidiano escolar como lócus de produção e de enunciação do conhecimento, problematiza a colonialidade do saber. Paralelamente, fissura a colonialidade do ser pela experiência subjetiva de cada pessoa envolvida no trabalho, afirmação da humanidade de quem a teve historicamente negada por sua condição de subalternizado (origem de classe, vinculação laboral e/ou condição infantil).

A documentação produzida e estudada ao longo da experiência evidencia transformações no processo pedagógico. Sublinhamos a presença das crianças como sujeitos políticos, o que confronta a posição subalterna em que comumente são postas, na medida em que assumem sua palavra no exercício dialógico de partilha do planejamento, condução e avaliação do trabalho pedagógico. Ressaltamos, igualmente, a legitimação da escola como lócus de enunciação a partir da experiência docente.

Considerações finais

A ação escolar fundada na educação como modelagem da criança para prepará-la para sua futura condição de adulto destitui de sentido o presente da escola, reduzida a lugar de tutela. As crianças como sujeitos singulares, as infâncias como experiências de ser no mundo e a

docência como ato dialógico projetam a escola como *espaçotempo* de encontro e de partilha da vida, nos desafiando à tecelagem de pedagogias outras, enquanto nos dão pistas de veredas já traçadas nessa direção.

Localizamos este trabalho numa dessas veredas, alinhada à educação popular. A pesquisa com crianças, central no estudo, resulta no que vislumbramos como docência com crianças. No diálogo, a sintonia e o descompasso entre a proposição docente e os interesses das crianças transparecem, o que impele à reconfiguração do trabalho para afinar a relação entre a proposta de ensino e os movimentos de aprendizagem. O diálogo recompõe as fronteiras como espaço de trânsito em que crianças e professora rompem com a fixidez das posições e se movem na composição do processo de *aprendizagem ensino*. Experiência por nós vivida como educação libertadora.

Referências

BICKEL, Ana. La sistematización participativa para descubrir los sentidos y aprender de nuestras experiencias. **La Piragua** Sistematización de experiencias: caminos recorridos, nuevos horizontes, El Salvador, n. 23, 2006. p. 17-28.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157-175.

FREINET, Célestin. **A Educação do Trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREINET, Célestin. **Para uma escola do povo**. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GARCIA, Regina Leite (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JARA, Oscar. Sistematización de experiencias y corrientes innovadoras del pensamiento latinoamericano. Una aproximación histórica. **La Piragua** Sistematización de experiencias: caminos recorridos, nuevos horizontes, Costa Rica, n. 23, 2006. p. 07-16.

KOHAN, Walter Omar. Visões de Filosofia: Infância. **ALEA**, Rio de Janeiro, vol. 17/2, 2015, p. 216-226.

MEJÍA, Marco Raúl. **Educación popular** – Raíces y travesías. De Simón Rodríguez a Paulo Freire. Bogotá, Ediciones Aurora, 2020.

MIGNOLO, Walter. A geopolítica do conhecimento e a diferença colonial. **Revista Lusófona de Educação**. n. 48, 2020. p.187-224.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Crianças: educação, culturas e cidadania activa- Refletindo em torno de uma proposta de trabalho. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 23, n. 01, 2005. p. 17-40.

